



PAISAGENS DA PALAVRA E DA CULTURA BRASILEIRA NO CENÁRIO LATINO-AMERICANO

Hilda Lontra Hartmann¹

*E no entanto é preciso cantar,
mas que nunca é preciso cantar,
é preciso cantar pra alegrar a cidade...*

Vinicius de Moraes

RESUMEN:

PAISAJES DE LA PALABRA Y DE
LA CULTURA BRASILEÑAS EN EL
ESCENARIO LATINOAMERICANO

La diversidad cultural es una de las mayores riquezas que ofrece Brasil y ha determinado una gran capacidad de integración cultural que, pese a los desequilibrios sociales y económicos que se pueden detectar, permite afirmar que Brasil es un país de todo y de todos.

Palabras claves: Brasil, diversidad, cultura, integración.

ABSTRACT:

LANDSCAPES OF BRAZILIAN WORD AND CULTURE
IN THE LATIN-AMERICAN SCENE

Cultural diversity is one of the biggest wealth's that Brazil has to offer and this has determined a great capacity of culture integration that has permitted Brazil become a country for everyone in spite of social and economic unbalance.

Key words: Brazil, diversity, culture, integration.

ABSTRACT: *A diversidade cultural é uma das riqueza mais grande do que o Brasil pode oferecer, o qual esta determinado por sua grande capacidade da integração cultural, o que permitiu que comece ser um país para tudo apesar do desequilíbrio social e economico.*

Palavras-chaves: Brasil, diversidade, cultura, integração.

No intuito de seguir os caminhos propostos para este Sétimo Congresso de Humanidades, em que o tema centralizador é *Palavra e cultura na América Latina: heranças e desafios*, navegamos mares históricos, do passado ao futuro, e ancoramos em portos oceânicos, de espaços distantes aos mais próximos. Trazemos paisagens brasileiras aos amigos chilenos.

Assim, começamos afirmando que a diversidade cultural é uma das nossas maiores riquezas. Um legado fundamental de múltiplas raízes e das diversas influências que recebemos ao longo da história, a cultura acompanha o nosso processo de formação como nação. Qualquer olhar sobre o universo cultural de um povo, talvez seja melhor dizer as poucas focalizações que oferecemos neste estudo, pretendem configurar uma breve imagem do que somos como brasileiros.

¹ Lontra Hartmann, Hilda, Departamento de Teoria Literaria y Literatura, Universidad de Brasilia, Brasilia, Brasil.

A cultura brasileira, abrangente e com elevada capacidade de integração, é dimensão de uma sociedade que busca expressar-se de modo livre e criativo em todas as esferas da vida. Nossa identidade, uma construção democrática que não autoriza nenhuma rigidez de critérios, ao contrário, acha-se aberta às perspectivas de uma sociedade que se renova rumo a um horizonte de mais igualdade e liberdade, assegurando possibilidades de expressão e de criação para todos.

Parte essencial do nosso desenvolvimento, a cultura não poderia deixar de expressar alguns dos nossos desequilíbrios sociais e econômicos, fatores que afligem não só o cidadão comum, como provocam profundas repercussões na sensibilidade artística, em cuja expressão se percebe que a valorização de nossa diversidade cultural diz respeito tanto ao reconhecimento das faces da nossa identidade quanto à crítica das nossas desigualdades sociais e regionais.

Nós vamos caminhando, muitas vezes por atalhos pedregosos, na rota da modernização, posto que somos um povo dotado de enorme vitalidade cultural e que vai conquistando, passo a passo tropegamente, os sentidos da sua identidade. Por isso, a política de cultura em vigor, há de abrir o “Brasil para todos”, principalmente aos brasileiros.

Muitos destes, ainda culturalmente encolhidos na sua paróquia, terão a oportunidade de conquistar culturalmente todo o seu país. E assim como se pretende mostrar o Brasil aos brasileiros, devemos nos preparar também para mostrar o Brasil ao mundo. E fazê-lo por intermédio de nossa literatura, especialmente pela poética contemporânea.

A produção literária brasileira atual talvez seja uma espécie de ajustamento de rumos ou mesmo uma navegação de cabotagem por mares que, navegados embora, ainda devam ser explorados.

Este período se manifesta, sobretudo, em sua diversidade criadora, isenta de hierarquias. Nossos poetas produzem uma literatura cosmopolita, aberta às novas perplexidades, em um Brasil que discute, de modo novo, suas identidades.

Mesmo que o nosso modernismo se esforçasse por abrir certas fendas no edifício da literatura, a verdade é que permaneceu mais ou menos inabalável o compromisso de plenitude, herdado e preservado de antecessores. Nossa produção recente vem, de alguma maneira, resgatando essas idéias em um contexto muito severo, feito de restrições à verdade poética, porque ameaçada pela urgência da mídia, pela competição dos meios informatizados, e pela ditadura do mercado consumidor.

Nesses anos, o verso cortante, ou até desafinado, se rejuvenesce a cada instante, demonstrando a persistência daquelas linhas mais densas de nossa tradição. Falamos da diversidade assumida, a partir dos últimos anos sessenta, e que vigora, nas produções destes últimos quatro anos do novo milênio, sem preconceitos ou ajustes de contas.

Falamos da diversidade criadora em queda livre, distante dos acertos de conta com o passado, para além do rancor antes inscrito nos dilemas entre colonizados e colonizadores, esta dicotomia para alguns conveniente, mas que pouco contribui para novos rumos.

Nossa geografia às vezes inóspita, a raiva contra uma conjuntura de perplexidades, mesmo que domadas, irrompem no meio do poema e apontam para a denegação. Não se trata

de uma poesia social extrovertida, seduzida pela contenda parlamentar. Ao contrário, o verso, dilapidado pela necessidade de romper as frestas no período de recessão por que passamos ao longo de duas décadas, atravessa a vida por dentro, como o bisturi contra a carne, e se o olhar do espectador não for muito atento, jamais conseguirá perceber o que está acontecendo.

A poética do momento presente é, não raro, uma poética de contenção, em franco dissídio com a tendência inflacionária da nossa atualidade econômica. A imagem pode conter o mundo, o medo, a magia e a miragem, mas pode ser apenas uma ressonância surda, uma gesticulação predatória de vocábulos atirados no vazio da folha. Quase sempre, sob as letras, há sangue e suor, lágrimas e sêmen; quando emerge a alegria, vem desdentada, um esgar de vencidos que não se deixam abater.

Nos poetas, há como que uma serenidade perturbadora do carpinteiro obsessivo. De nada interessaria o espetáculo da vida, certamente polimorfo, se não houvesse os poetas que desdramatizam, navegando contra a correnteza do que já fora, em dias de glória enganadora, ou mesmo trapaceira, a estética da apoteose.

Aprendemos, com a produção desses últimos anos, que só a resistência da linguagem, paradigma silencioso, encontra-se em condições de enfrentar a brutalidade da técnica. Se, em época de excessiva autoconfiança, mergulhamos paradoxalmente no mar da suspeição, talvez seja o momento de, contra todas as indicações eventualmente plausíveis, suspeitar da suspeita. E reconstruir, ou continuar reconstruindo.

Neste século, o idioma hegemônico no cenário internacional tem sido o inglês. Porém hegemonia, não é destino histórico, inexorável. O idioma representa mais do que uma forma de comunicação extrafronteiras: contém uma carga afetiva que não pode ser avaliada pelo grau de aceitação internacional. Esta é a razão, aliás, pela qual o nosso mundo é cada vez mais multilíngüístico; falar vários idiomas já não é motivo de espanto, faz parte do cotidiano.

O português brasileiro, para nós, independente das variantes regionais, é constituinte íntimo de nossa identidade, parte inalienável da sensibilidade comunicativa e gérmen da personalidade lingüística dos que o tem por idioma materno. Isso é universal, independente das fronteiras políticas. O idioma nacional tem força expressiva; prova-o, à saciedade, o nosso caso, pois no continente brasileiro cento e setenta milhões de pessoas, dispersas pelo vasto território, entendem-se perfeitamente. Em nosso País, ao idioma dos colonizadores europeus foram se agregando elementos de outras etnias, índios, negros, emigrantes. Tal miscigenação idiomática não se traduz apenas no acréscimo de novos termos, mas também em novas inflexões, ritmos, cantares.

Reforçamos que o destino de uma língua não depende do acaso. Fixa-o a ativa política cultural que privilegia o texto escrito. Num mundo cada vez mais globalizado, urge preservar e expandir os idiomas nacionais em geral e, na América Latina, além dos falares nativos, o espanhol e o português, em particular.

Para terminar essa breve focalização, nós, brasileiros, ainda estamos em busca de nosso idioma, ainda estamos tentando descobrir como disseminá-lo entre a população e no exterior. Neste início de terceiro milênio, esta é uma busca urgente. Porque quando falamos em idioma, estamos falando em populações, estamos falando em identidades, estamos falando em auto-afirmação. E isto não pode ser adiado.

Quem, ontem à tarde, teve a oportunidade de ouvir a explanação da colega chilena, Doutora Elga Laborde, professora da Universidade de Brasília, acompanhou as encruzilhadas estéticas da pluralidade, presentes na “Geografia poética do Brasil”. Ela focalizou principalmente o viés do cânone literário. Pela manhã de hoje, a colega Especialista Roselene de Fátima Constantino, docente de literatura em escolas públicas do Distrito Federal, refazendo o percurso lírico da poesia brasileira contemporânea, na fala intitulada “Temas e tramas”, priorizou a autoria feminina. Agora, amplo o círculo dos e das notáveis, reconhecido(a)s e canonizado(a)s no cenário artístico nacional, e apresento nomes que, muito novos, têm trânsito restrito a um círculo pequeno de leitores. Suas obras começam a alargar as fronteiras, pelo valor intrínseco dos textos, comprovando que trabalham a palavra poética com a “serenidade perturbadora do carpinteiro obsessivo”.

Iniciamos nossa caminhada poética dando um mergulho no túnel do tempo e indo buscar no passado paisagens históricas das nossas origens. O excerto do poema de Stella Leonardos (p. 11) tem como epígrafe e parte do refrão um canto de Nau catarinera, do folclore brasileiro, ao qual se mistura o clássico lema da Escola de Sagres “Navegar é preciso”.

Nessa recuperação da gênese do território brasileiro, o discurso ufanista do período romântico cede lugar para o tom paródico dos modernistas.

Ao navegar é preciso, em que a visão busca o horizonte “– *Sobe, sobe. Meu gajeiro: / que avistas, gajeiro real? / Vês acaso terras índias / pro reino de Portugal?*” sucede o momento da chegada, com a mudança no canto: “*Desce! Desce, meu gajeiro, / desce, meu gajeiro real. / Aporta nas terras invias / Com Pedro Álvares Cabral!*”

É com pesar que a autora fecha o poema em que um sol insólito de via no céu pasmo. Isso acontece porque na história brasileira está indelevelmente marcado o caráter de Portugal de quem a terra e a gente brasileira nunca poderá se esquecer, apesar dos pesares: Em que sejam muito mais (p. 11).

Por isso, navegar; é preciso aceitar a semente de além-mar que aculturou essa terra.

Há quem pense, como Osório Peixoto Silva, em “O galo favelado” (p. 13) em uma alusão implícita ao Galo de Barcelos, símbolo da herança lusitana, que restou apenas

Nos becos bêbados
A fé sem rumo,
Sem sombra e prumo,
Findou-se o fruto.

Dessa forma cabe aos poetas cantarem o dia, mesmo que ainda seja escuro. Destaca-se, nessa passagem, a intertextualidade com o poeta canônico João Cabral de Melo Neto, em antecipa: “Um galo sozinho não tece a manhã.”

Ensinou-lhes o tempo
Que toda noite
Tem uma aurora.
Que todo pranto
Vai regar o riso.

Para os poetas brasileiros que cantam os aglomerados urbanos da contemporaneidade, um olhar ao passado dá mais sentido ao pranto que lugar ao riso, tal qual se alegria não

rimasse com poesia. A constatação da realidade social das favelas brasileiras, como está amplamente divulgado nos noticiários (inter)nacionais, perdeu a chama.

No estrado cama
O amor foi fúria
Porque desespero.
No quarto abrigo
O calor amigo
fugiu nas frestas.

Por isso, quem reflete acerca das diferenças sociais efervescentes no desprivilegiado solo brasileiro só vê, desesperançado, flores despetaladas, troncos secos, sem sombra e prumo, fome, sangue e lama.

Todavia,

Ensinou-te a vida
Pela vida a fora
Que em toda treva
Há um esperar de luz,
Que em toda semente morta
Há sempre um tronco
A renascer no chão.

Apesar disso, ou mesmo por isso, é urgente fazer poesia e os artistas que resistem, engajados política e poeticamente, na atualidade, fazem-se merecedores do epitáfio:

Teu canto é chama
Queimando trevas.

O individualismo, a subjetividade, perdem espaço nesse cenário. O conteúdo afetivo - essência humana - se esvai, evola-se ao vento, ficando apenas o resto disforme, "*A camisa no varal*" (p. 15), estendida no tempo.

Atravessou manhãs
imune ao dano
de que o dono
não ficou impune.
Se pui de outra maneira
e de outra forma desbota.

A relação sónica entre significado e significante fica perdida, com o esvaziamento do componente fundamental, o significado: o sentido agita-se como bandeiras desideologizadas, transcendendo a corporalidade.

Na etiqueta, que palavra
seca ao sol o seu sentido?
Será uma simples marca
ou um signo perdido?
Como salvar no tempo
essa camisa só símbolo?
No varal da memória,
ela balança seu enigma.

Este único tempo vivencial, o presente, é cheio de ausências e negações. Desafetos, desestímulos, desesperos, desrespeito, desamor. Esse é o tema de "*A canção dos amantes*", de

Brasigóis Felício, que avalia: para as vidas flageladas está muito longe o instante do prazer vital.

O poeta questiona o destino (nor)destino e interroga seus companheiros de infortúnio:

É nosso destino
 beber das tempestades.
 Impotentes para o amor em nosso peito,
 para o amor fomos feitos: morrer no desejo
 com esse nó no peito.
 E mais os ossos,
 sêmens, intestinos,
 medo e bazófia
 e perdas e degredos
 e os milhões de cadáveres
 de que somos feitos.

A pessoa (o Pessoa) posta-se à margem, dividida, multiplicada em fragmentos descontínuos, peças do mosaico esquecidas pelos ordenadores do quebra-cabeça oficial gritando palavras mudas.

... Permaneço à margem
 de mim mesmo, com medo
 de fitar a imensa face
 do meu Ser multiplicado.

Ao poeta, salva-lhe a palavra, o palimpsesto de discursos alheios, versos já proferidos, num exercício recorrente de intertextualidade. São palavras operárias, sonantes e consoantes as com que João de Abre Borges (p. 20) descreve o mundo, completando a paisagem do hoje:

Toda palavra é verdadeira
 Ave inteira
 Árvore primária
 Se a primavera é erma
 Toda matéria é palavra-prima
 Ávida, dividida
 Em tudo, aventureira
 E com violência ou tolerância,
 Toda palavra é grave:
 Ao silêncio engravida

Gravidez permanente de esperança, é mote contínuo concertado do universo feminino. Dessa gestação tubária, difícil, sem cor e corte, às vezes infrutífera, em “Aula de desenho” (p. 21), fala Maria Ester Maciel de Oliveira Borges, cujo perfil, em constante mutação, em traço refeito e desfeito, enraíza-se em sombra.

Há o desabafo:

Farta de mim, afasto-me
 e constato: na arte ou na vida
 em carne, osso, lápis ou giz
 onde estou não é sempre
 e o que sou é por um triz.

Com esse panorama histórico, sob uma diversidade de focalizações, encerro a exuberante paisagem que fervilha aos olhos dos brasileiros de hoje. Perdeu-se o ufanismo das

longínquas terras de palmeiras e sabiás; o olhar de hoje é menos natural, mais crítico, cultural, inóspito.

No entanto, a esperança de uma “Vida nova” (p. 22), segundo Luiz Carlos Amorim, parece não haver se apagado da índole brasileira.

Há os que permanecem ainda com

faróis nos olhos,
canção nos lábios,
o futuro nas mãos
e sonhos no coração.

É proverbial a brejeirice, o bom humor e o jeitinho brasileiro de ir levando a vida. Sua / nossa mestiçagem, o pluriculturalismo, a globalização, as distorções econômicas internas, as dissensões sociais não nos impedem de dizer ao mundo “*Planto sorrisos, / cultivo a paz / e lanço sementes / no chão de um mundo novo.*”

Se fitar o passado traz brumas aos olhos dos poetas, o mirar o presente embaça-os com lágrimas. Porém o continuo fluir dos dias, horas, segundos, permeados de esperança, faz com que o País seja renovado a cada amanhecer, no cantar uníssono dos poetas.

E no entanto é preciso cantar,
mais que tudo é preciso cantar,
é preciso cantar pra alegrar a cidade...

Por isso, o lema do atual governo brasileiro, que consta da capa dessa coletânea distribuída entre vocês, reza: Brasil - um país de todos. Tal lema, respeitando nossos princípios de hospitaleira solidariedade, expande-se além de nossas fronteiras políticas e abre-se aos povos e nações fraternos, de que Chile é um paradigma.

Encerramos esta fala, com e como Luiz Carlos Amorim, convidando:

Aprendo poesia
e eternizo a essência
de um novo ser,
num tempo novo
onde a emoção me leva.
Construo uma nação
dentro do meu poema
e convido você
a morar nele...